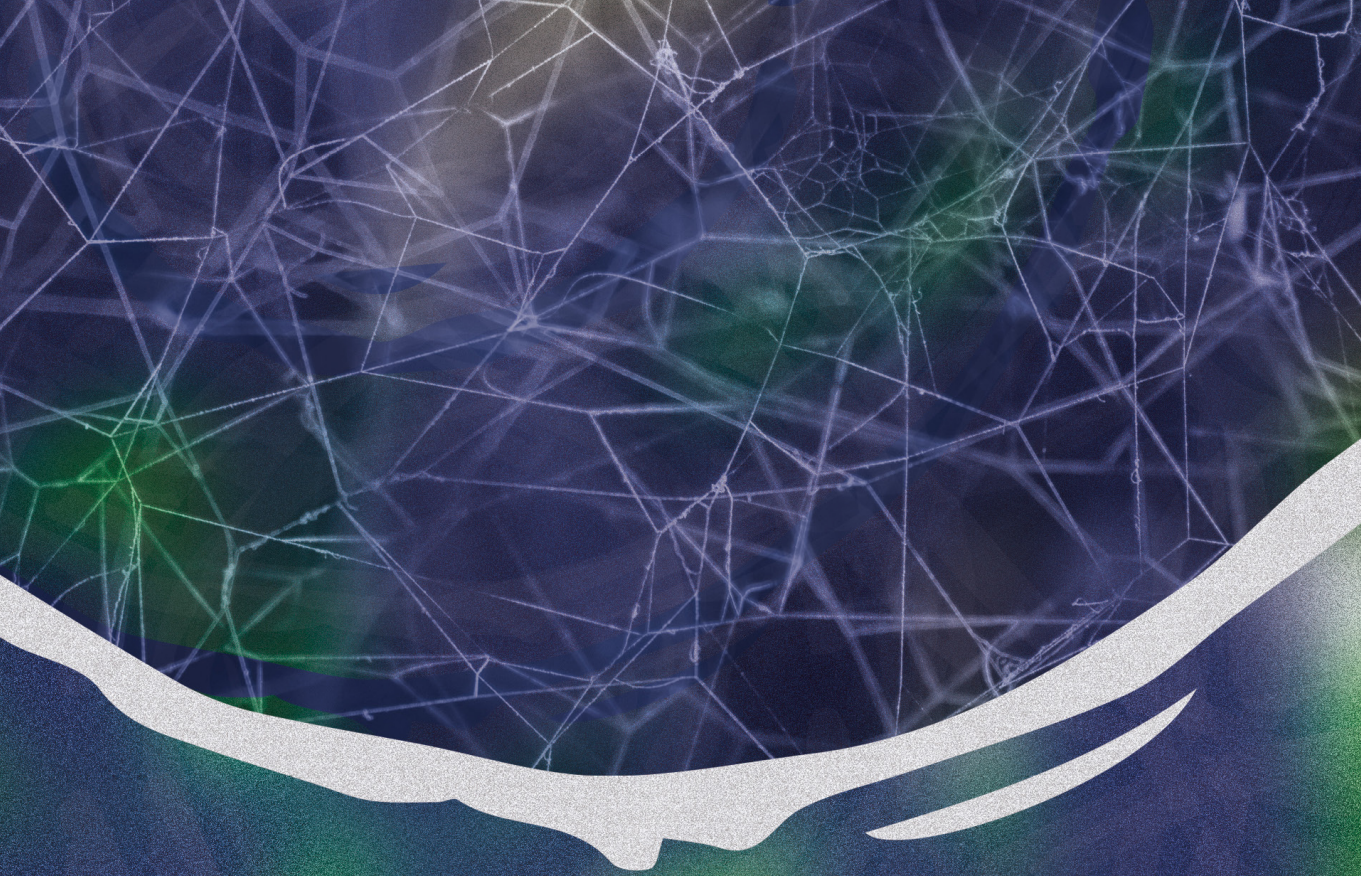


EDITORA
UnB

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Antropologia-Educação

Experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira
(organizador)

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Sávio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
	Talita Guimarães Sales Ribeiro
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Gabriela Costa Silva Capuano
Diagramação	Uilca-Terra R. M. M. Martins
Foto de capa	General Kenobi, via Pexels.com

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

A636 Antropologia-Educação [recurso eletrônico] : experiência, imaginação e conhecimento / Alessandro Roberto de Oliveira, organizador. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
154 p. – (Série ensino de graduação).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-242-2.

1. Antropologia. 2. Educação. 3. Experiência. 4. Imaginação. I. Oliveira, Alessandro Roberto de (org.). II. Título. III. Série.

CDU 39

Fernanda Cordeiro de Carvalho – CRB 1/2339

Imagino a vida dos outros.
Não é por cobiça.
É por vontade que dê certo.
O paraíso são os outros, Valter Hugo Mãe

Sumário

Apresentação 11

Ensinar e aprender Antropologia na interface com a Educação 13
Alessandro Roberto de Oliveira

Parte 1 – Trajetórias 27

Choque cultural e Educação: de Codó ao DF 29
Rafael Moreira dos Santos

As gerações e a vida em uma agrovila 31
Bruna Silva de Jesus

“Tenha educação!” 35
Andressa Felix Albuquerque

Diversidade de infâncias: reflexões sobre contexto, educação e cultura 39
Anna Lua Miranda da Silva Paz

Legado familiar: a influência transformadora da educação 41
Joyce Soares Ramos

Uma família de mulheres 42
Letícia Nayra Matias vianna de Almeida

Contra a morte e pela vida: a luta de uma mulher negra por si e pelos seus 47
Railane Lima de Almeida

Parte 2 – Infâncias 51

Infâncias diferentes, educações diferentes: a história de Dona Tereza 53
Ohani Araujo Lima

Laços de infância(s) 57
Maria Eduarda dos Santos Martins

As concepções de infância na pediatria do Sarah Kubitscheck 61
Clara Alessandra Santana Borba

Fumaça de terra 65
Ludmila Galdino Cândido

A história de Matheus 69
Arlete Carvalho Souza

Os adultos é que não sabem – um ensaio antropológico 73
Isabel Gomes Aguiar Teodoro

Os múltiplos saberes dentro da infância e da educação 77
João Vitor de Oliveira da Silva

Parte 3 – Ficções 81

A voz da diversidade diz: “Eu existo!” 83
Priscila Rubem de Sousa

Como estrelas na Terra – toda criança é especial 87
Ana Gabriela Militão de Souza

Tales by light: educação e cultura 91
Suzane Ferreira Santos

Raya e o último Dragão 97
Anna Clara Vitor de Sena

O bicho vai pegar 2 101
Nicole de Melo Sales

Educação, Cultura e Antropologia: a história do menino que descobriu o vento 105
Emanuele Damascêna Portela de Oliveira

Educação fora da cerca: os olhares e passos aventureiros de um menino-cervo 109
Gabrielle Montalvão Ferreira

Parte 4 – Escolas 115

A dificuldade de ler e o papel do professor 117
Stephanie de Sousa Lima

Conversa com quem gosta de ensinar: ensaio sobre a cultura e a Antropologia como Educação 121
Isabela Siqueira Palhano Cabral

Carla: a experiência de uma recém formada em Pedagogia 125
Ester Sandes Camargo

Leituras de Calvin e Haroldo e minha experiência na educação infantil 129
Nami Dansa Motta

A cor é tudo 133
Ana Luísa Morais de Almeida

“Henriqueeeee, hora de tomar banho para ir ao colégio” 137
Sarah Ingrid Pereira Guedes

Minha experiência de estágio 141
Letícia Vaz Pereira Barbosa

Antropologia-Educação: algumas considerações 143
Alessandro Roberto de Oliveira

Apresentação

Alessandro Roberto de Oliveira

Esta coletânea pretende disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o conteúdo aqui reunido é direcionado para esta disciplina, mas pode ser de interesse para as Ciências da Educação de maneira geral, a partir de uma perspectiva da Antropologia, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.[1]

Do mesmo modo, este material também pode ser útil para professores e estudantes das Ciências Humanas e Sociais, e da Antropologia em particular, na medida em que alguns fundamentos e noções básicas da disciplina são aqui retomados por leituras que se apropriam de seus sentidos convencionais e inventam outras formas de operar essas ideias de maneira criativa a partir do universo de interesse da Pedagogia. Para além da universidade, este livro também pode contribuir com professores e estudantes do ensino médio na Educação Básica, quando interessados em conversar e refletir sobre as relações entre educação e cultura, marcadores sociais da diferença e espaços escolares. Por fim, pode atrair ainda profissionais da Pedagogia que atuam na Educação Infantil, interessadas nas reflexões sobre infâncias.

Aqui reunimos 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período do curso de Pedagogia produzidos entre 2020 e 2022. Os textos estão distribuídos em quatro partes. A primeira é *trajetórias* e reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. A segunda é *infâncias*, e trata de diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com os filhos. A terceira, *ficções*, reúne escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. Por fim, *escolas* fecha o livro com ensaios que partem de cenas escolares, seja na posição de estudantes seja como estagiárias ou professoras da Educação Infantil, enfocando

[1] Os textos aqui encontrados tratam ora do fenômeno da educação, em seu sentido amplo, ora da Educação como área do conhecimento. Para marcar essa diferença, utilizamos a distinção entre os usos das iniciais maiúsculas (quando se trata da Educação como campo do conhecimento) e minúsculas (quando se trata do fenômeno).

dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Na realidade, os ensaios transitam entre esses domínios, alguns textos sobre trajetórias falam de infâncias e escolas, ensaios sobre infâncias tratam de escolas a partir de histórias ficcionais, escritos que tematizam ficções versam sobre infâncias, trajetórias e escolas, além dos próprios textos sobre escolas que entrecruzam os tópicos anteriores. Portanto, a composição funciona melhor como um tecido de histórias entrecruzadas sobre educação.

Este conjunto é precedido de um texto introdutório que situa a experiência e de outro, ao final, que discute algumas questões sobre as relações interdisciplinares na interseção entre os campos da Antropologia e Educação, além de destacar algumas características dos ensaios reunidos nesta obra.

Passemos à leitura!

Parte 1 – Trajetórias

Choque cultural e Educação: de Codó ao DF

Rafael Moreira dos Santos

Em algum momento da vida você já se sentiu “fora da caixinha”, ou “um peixe fora d’água”? Tive essa experiência quando cheguei em Brasília, Distrito Federal. Mudei de casa, amigos, costumes e escola. O preço disso tudo foi pago por uma boa causa: educação e, como se diz no meu Maranhão, “tentar uma vida melhor”. É um processo dolorido viver esse choque cultural. O Distrito Federal é bem diferente da cidade onde eu morava, Codó, Maranhão. E eu sempre me perguntava: será que eu consigo morar neste lugar? Como vou me comunicar com as pessoas com esse sotaque forte e carregado do Maranhão? Eles vão rir de mim? Na escola onde eu vou estudar, será que vou conseguir interagir com os colegas de classe? Não foi um amor à primeira vista por este lugar conhecido como “quadradinho” do Centro-Oeste.

Lembro-me como se fosse hoje de minha mãe dizendo: “você tem que andar com sua carteira de identidade”. Isso já foi um espanto para mim. Na cidade onde eu vivia, quase ninguém ou ninguém tinha o costume de andar com uma carteira de identificação. Todos se conheciam, nem que fosse de vista. Perguntei para minha mãe o porquê de andar com uma identificação física. E a reposta foi um pouco assustadora. Ela me respondeu: “se um dia algo acontecer com você, as autoridades saberão que você é meu filho”.

Outra diferença enorme foi o local e o horário em que eu deveria acordar para estar às 7h da manhã na escola. Resido na Ceilândia Norte, então, até o Centro Educacional Gisno (Asa Norte) são 36,7 km de distância. Todos os dias, despertador às 4h40 da madrugada, banho, café, checagem do material escolar, caminhada de alguns metros até a parada de um coletivo.

Para chegar ao local de ensino que eu frequentava no município do Maranhão, Codó, Centro de Ensino René Bayma, o trajeto não passava de 30 minutos, desde o acordar até a chegada. A didática e o método de ensino dos professores do Distrito Federal foram mais do que um choque, ou até mesmo uma coisa de “outro mundo” (quero aqui deixar claro que não estou fazendo diferença dos docentes, e, sim, dos investimentos dos governantes em relação à educação). Gostaria de enfatizar a reação e o medo com o ensino aplicado aqui.

Tive uma dificuldade muito grande em todas as matérias do terceiro ano do ensino médio. Me esforcei mais para conseguir concluir os estudos. É muito confuso chegar na escola e todos os seus colegas de classe dizerem: “você conseguiu fazer o PAS (Programa de Avaliação Seriada)?”, ou “qual concurso público você irá prestar? Como se saiu no vestibular da UnB?”.

O famoso ditado “peixe fora d’água”, mencionado no início do texto, nunca caiu tão bem como naquele momento para mim. A minha única meta na época era concluir os estudos do segundo grau e “descansar”, por um ano. Totalmente indo contra a maré. O futuro próximo de realizações que os meus colegas queriam – e alguns conseguiram – era algo muito distante para mim. O questionamento sempre me cobrava de querer seguir juntos, fazer amizade de estudos. Mas o hábito deles, calados, na deles, sem muita conversa ou interação, me deixou em um travamento. Não tinha espaço para o nordestino falante, que falava pelos “cotovelos”, que se comunicava e não parava. A cultura de regiões já me limitava. Entender, ou não entender, o jeito do brasiliense de não dar um bom dia, boa tarde, boa noite, já me causava muito estranheza. Não por falta de educação, e, sim, de um costume local. Com o tempo e convivência, entendi. Mas a tortura de querer falar com todos e “não” conseguir, consumiu meu lado falante, empolgante, engraçado e até mesmo social. O lado nordestino me deixava inquieto, de querer conhecer todos, fazer várias perguntas e escutar respostas de como foi construída a capital do Brasil, de como era o frio na época?

Claro que as respostas vieram com o passar dos dias. Mas tive que respeitar o tempo dos colegas de aula e controlar o meu jeito imperativo. O texto de José Luiz Santos (1994) debate sobre “cultura e diversidade” e nos faz entender que a cultura diz respeito à humanidade como um todo e, ao mesmo tempo, cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos. Trazendo para o cotidiano, não é muito diferente vermos pessoas de estilos, gostos, hábitos, culinárias, vestimentas, sotaques, andares e até nomes diversificados. O autor enfatiza que a história registra com abundância as transformações por que passam as culturas, sejam elas movidas por suas forças internas ou por uma consequência desses contatos e conflitos mais frequentes por ambos os motivos. Desse modo, “cultura e diversidade” sempre fizeram parte da construção de uma sociedade, mesmo que por alguns momentos fossem marcadas com preconceito e espanto.

Então, o que é cultura? José Luiz Santos enfatiza que a cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social, e não se pode dizer que ela exista em alguns contextos e não em outros. Portanto, não existe só uma cultura universal para todos e sim multiculturas que abrangem cada nação, países, povos e pessoas.

Em “Sobre levar os outros a sério”, Ingold Tim (2019) retrata o cotidiano de antropólogos em suas pesquisas de campo sendo colocadas em prática, por meio da sabedoria e da experiência de todos os habitantes do mundo, independentemente de suas origens, dos seus meios de subsistência, das suas circunstâncias e de seus lugares de residência. Sendo assim, todos precisam se adaptar quando se trata de mudanças, mesmo que seja algo simples ou, por muitas vezes, radical.

Diante dos aspectos mencionados, o autor ministra o texto como um papel importante da Antropologia de estudar a sociedade independentemente das pessoas, dos costumes culturais, gêneros ou crenças, e que os estudos em campo tinham e têm um papel fundamental e importante nas observações dos antropólogos. É perceptível, então, ressaltar que a Antropologia da Educação consiste em estudar a diversidade das culturas e das educações e, neste ensaio, eu procurei olhar para o choque cultural da minha mudança de Codó para o DF com essa lente.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Esta coletânea tem como finalidade disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o livro reúne 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período de curso distribuídos em quatro partes. *Trajetórias* reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. *Infâncias* apresenta diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com filhos. *Ficções* é composta de textos escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. *Escolas* fecha o livro com ensaios sobre cenas escolares, enfocando dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Esse conteúdo pode ser interessante para as Ciências da Educação de maneira geral, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.

EDITORA UnB

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO